



umanitas

73

relaciones entre España y Portugal en la edad moderna, a través de los recetarios, apresenta um estudo sobre as mútuas influências entre os países ibéricos quando o tema é comida. E por fim, Luísa Fernanda Guerreiro Martins, utilizando dois diários de viagem, um do século XVIII e um do século XIX, apresenta em seu *O alimento e a sobrevivência em viagens de exploração territorial africana* (p.677-698), a possibilidade de estudos na relação entre alimento e alteridade, quando examina nas fontes resultados de viagens exploratórias científicas, reveladoras do “olhar europeu” diante do “outro”, e, como nisso, se imbrica a necessidade da sobrevivência em situações de fome e de sede no continente Africano.

Diante de todas essas evidências, só nos resta recomendar a leitura dessa extensa obra que oferece, aos mais diversos campos das investigações no campo da alimentação, além de uma vasta gama de objetos, formas, métodos e fontes, também uma grande fonte de inspiração.

MARIA CECILIA BARRETO AMORIM PILLA

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

ceciliapilla@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-6526-8249>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_12

PINTO, A. Guimarães, *Adenda ao livro De Missione Legatorum Iaponensium, de Duarte Sande: as Orationes de Gaspar Gonçalves e de Martinho Hara*, Aveiro, Universidade de Aveiro, Revista Ágora, Suplemento nº 5, 2016, 129 pp. ISBN: 978-972-789-493-2

Recensão submetida a 25/06/2018 e aprovada a 20/11/2018

No Prefácio a esta obra de Guimarães Pinto, assinado por António Manuel Lopes Andrade e João Manuel Nunes Torrão (Professores da área de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Aveiro), vem claramente sublinhada a importância inestimável desta *Adenda ao livro De Missione Legatorum Iaponensium, de Duarte Sande*.

Todavia, que o termo “Adenda”, na sua singeleza, não seja enganador nem sugira uma obra de menor valia, porquanto são aqui apresentados textos inéditos (no original latino e em tradução) cujo conhecimento contribui para iluminar certas vertentes da grande obra que constitui o *De Missione Legatorum Iaponensium*, da autoria do jesuíta Duarte Sande e que relata o périplo de quatro

jovens fidalgos japoneses que saíram de Nagasaki a 20 de Fevereiro de 1582 e desembarcaram na mesma cidade a 21 de Julho de 1590, depois de terem feito escala em diversos portos europeus, nomeadamente em Portugal, Espanha e Itália. Tratando-se da primeira missão nipónica à Europa – missão essa de obediência ao papa –, a viagem despertou um grande interesse e deu origem a múltiplos textos, de que se destacam os referidos no título da obra em recensão.

Ao dedicar-se a este seu estudo, com o rigor e a extraordinária capacidade de trabalho a que já nos habituou, o A. da *Adenda* teve como desígnio prestar uma devida e pública homenagem ao Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, Professor Catedrático de Coimbra, que não só desbravou o caminho para o campo dos Estudos Humanísticos em Portugal, ao iniciar neste domínio inúmeros discípulos (entre os quais se inclui a autora desta recensão), como foi quem pela primeira vez deu a conhecer e traduziu o referido *De Missione Legatorum Iaponensium* (com o título de *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*. Prefácio, tradução do latim e comentário de A.C. Ramalho), numa edição de Macau de 1997; uma segunda edição surgiu em Coimbra, em 2009, pela iniciativa de Sebastião Tavares de Pinho, na qualidade de Presidente da APENEL, Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos.

O autor é um investigador incansável – basta ver a lista das obras que tem editado e traduzido e como se comprova por este livro que aqui é objecto de recensão.

Neste sentido, alguns aspectos deste valioso opúsculo merecem ser sublinhados:

1. Os textos, apresentados no original latino e em tradução – o texto latino na página par, a tradução na página ímpar –, têm poucas notas; o que é necessário saber é dado na Introdução, que identifica as fontes donde procedem esses textos. Quanto à informação relativa ao *De Missione Legatorum Iaponensium*, e talvez por se tratar de uma *Adenda*, o A. adverte, na p. 25, que parte do pressuposto de que o leitor tem conhecimento do conteúdo da obra e da famosa embaixada. Mas nem todos terão esse conhecimento e uma breve apresentação seria bem-vinda.
2. Na sua maioria, os textos são datados de 1585 a 1598, muitos deles manuscritos, e procedem de vários arquivos, nomeadamente do Arquivo Geral de Simancas, da Academia de História de Madrid, do Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa, ou da Biblioteca Geral da

Universidade de Coimbra, donde procede um “raro” opúsculo, e outros ainda, que Guimarães Pinto compulsou tendo em mente esta *Adenda*.

3. Os textos seleccionados são mais do que os referidos no título, incluindo outras cartas ou extractos de “relações” ou de actas atinentes à referida embaixada; refira-se, a título de exemplo, o texto nº 19, “Extracto de uma carta enviada de Roma no 1º dia de Abril do ano de 1585”, que descreve em pormenor os passos dos jovens embaixadores quando chegaram aos Estados Papais, o caminho percorrido, o entusiasmo com que os nobres, o clero e o povo os receberam e a entrada no Vaticano; depois, no dia seguinte, a passagem por ruas e monumentos de grande antiguidade, animada por grande colorido e música. Veja-se, a título de exemplo, o seguinte extracto (p. 71), em tradução:

“Os embaixadores trajavam roupas de cores variiegadas, bordadas, cingindo à esquerda um sabre e à dextra uma adaga árabe, e a restante vestimenta ao modo japonês, indubitavelmente nobre, mas muito semelhante ao dos bárbaros. Todo o cortejo avançou desde a Porta Flamínia até ao Mausoléu de Augusto, e daqui até à Porca de Mármore e ao Arco de Santo Apolinário, donde, em linha reta, se dirigiu para a Ponte Élia e o Castelo. Ao passarem diante deste, tudo à volta estremeceu com as salvas de canhão, à semelhança das nuvens e do ar com a trovoadas. Ao chegarem à praça do Vaticano, a Guarda Italiana e a Guarda Suíça receberam-nos outra vez com salvas de artilharia, trombetas e tambores. Chegaram finalmente ao Salão Régio, onde, com o mais solene aparato, se procedeu exactamente da mesma maneira que é da praxe proceder-se com os embaixadores dos reis.”

Esta citação, relativamente longa, pretendeu dar nota do interesse informativo e histórico-documental que muitos dos textos aqui reunidos evidenciam.

4. As traduções do A. da *Adenda* pautam-se por um estilo bastante elegante e ajustado, no léxico e na sintaxe, ao português de quinhentos, o que, muitas vezes, nos faz esquecer que estamos a ler traduções.
5. Apenas uma carta, dirigida ao papa Xisto V, não é tradução de Guimarães Pinto, conforme o próprio adverte, sendo apresentada na tradução portuguesa de um anónimo (pp. 118-123).

Tudo foi acautelado neste volume. Até a sua organização. Como se afirmou na alínea 1, supra, as informações sobre cada um dos textos foram

dadas na Introdução. Em todo o caso, talvez tivesse sido melhor fazer preceder cada texto das informações necessárias, auxiliando dessa forma a leitura de textos tão importantes para o conhecimento dessa famosa embaixada e da acção da Companhia de Jesus no Oriente. Por outro lado, as inúmeras e valiosas referências bibliográficas surgem esparsas. Reuni-las no final da Introdução ou do livro teria sido uma opção igualmente possível e talvez preferível.

À parte estas duas observações, que em nada diminuem o valor da obra, estamos na presença de um volume que faz jus ao labor incansável e notável de António Guimarães Pinto como investigador e tradutor, como foi devidamente sublinhado pelos Professores António Andrade e João Torrão, no Prefácio.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

virginia.soarespereira@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6031-0527>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_13

RIBEIRO, Cilene da Silva Gomes; SOARES, Carmen (orgs.), *Odisseia de sabores da lusofonia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra/PUCPress Editora Champagnat, 2015, 304 pp. ISBN: 978-989-26-1085-6.

Recensão submetida a 27/11/2017 e aprovada a 19/06/2018

A comida tem se prestado ao longo dos tempos ao papel de atributo de identidade, conferindo a determinados grupos e sociedades, ao mesmo tempo, um senso de pertencimento e uma ferramenta demarcatória. Para além da sua função biológica, o ato de alimentar-se integra, por um lado, um conjunto de práticas e hábitos com frequência reunidos sob a concepção de tradição, património cultural, emblema que outorga um *status* de autenticidade, confirmando seu carácter originário, de herança que define e unifica uma determinada coletividade. Mas, se por um lado estabelece e, portanto, recorta e separa, a comida é constantemente referida como instrumento de aproximação entre os grupos, assumindo o papel de veículo por excelência de interação e troca, meio de comunicação e entrecruzamento entre tradições diversas. Seja pela contínua apropriação de ingredientes, pela interconexão de processos e significados que redefinem incessantemente hábitos e padrões alimentares, ou ainda pelo sentido de mutualidade inscrito